

UNICAMP

P41.35

EVENTO: Marcia Haydée - Béjart

VEÍCULO: O Estado de São Paulo

DATA: 21 de dezembro de 1993

PÁGINA: 1ª

SEÇÃO: Caderno 2



Haydée inspira fase intimista de Béjart

A bailarina brasileira é a estrela de 'Amo Roma' e 'As Cadeiras', novas criações de Maurice Béjart em Lausanne

RUI MARTINS
Especial para o Estado

LAUSANNE — Ela é como Pelé, mas no mundo da dança, capaz de marcar gols mesmo aos 53 anos. Bailarina de prestígio desde sua juventude, Marcia Haydée também está na moda do retorno ao palco dos grandes nomes do passado, como da cubana Alicia Alonso. Ela dançou este mês na Suíça, para um Béjart mais intimista, mais velho, cuja glória do passado permite uma sofisticada fase de dança-teatro.

Hoje, a ocupação principal da estrela brasileira é a de diretora e coreógrafa. Ela acumula a direção de duas companhias de balé, quase antipodas de tão distantes, e ainda tem tempo, corpo e condições físicas para dançar. Com sua carreira toda construída no Exterior, principalmente na Alemanha, ela não quer saber do Brasil, onde só vai para visitar a família, mesmo assim com pouca frequência, pois a última viagem foi há dois anos. Porém, um pedaço da família está sempre com ela. Sua irmã mais nova, Mônica, é responsável pelos seus contatos com a imprensa. A diferença entre elas é uma questão de cor: Marcia, com sua vida estressante de coreógrafa e bailarina, vive sob luzes artificiais e conserva a romântica alvura da pele; Mônica vive bronzeada pelo sol das praias chilenas.

Há 17 anos diretora do Balé de Stuttgart, Marcia ensinou aos alemães a dança mas aprendeu com eles a cultivar a disciplina da barra, dos exercícios e dos regimes. Isso lhe permite dançar ainda hoje no palco com os jovens, até de maneira lasciva, como na coreografia *Amo Roma*, criada pelo francês Maurice Béjart com músicas do italiano preferido de Fellini, Nino Rota. Bem ao contrário de Béjart, que, 13 anos mais velho, não conseguiu manter a forma física dos melhores anos. Embora ensaie sua companhia, durante muitas horas por dia, Béjart engordou, criou barriga e há muito tempo não aparece no palco.

Mas a veterana Marcia Haydée não detém apenas recorde de longevidade no palco, ela logo vai levantar o recorde de horas de voo em jatos. Como não tem o dom da ubi-

quidade, embora conte com o apoio de uma equipe de confiança, para dirigir os balés de Stuttgart e Santiago, precisa viajar constantemente entre as duas cidades. Verdadeiros chás de poltronas de avião, em trajetos de 15 mil km, com duração média de 15 a 16 horas.

Em lugar de se queixar de stress, mesmo com a voz cansada e uma agenda apertada, Marcia prefere destacar só o lado positivo — “Levo uma vida boa, pois gosto de viajar e estou fazendo o que gosto”.

Embora vivendo na Alemanha, onde a influência artística do lado clássico comunista, além do Muro derrubado, era marcante, Marcia Haydée não vê grandes consequên-

cias com o fim do regime que privilegiava e democratizava o balé e a música clássica. Ela prefere deixar a questão das tendências atuais do balé ao sabor das tendências dos coreógrafos, espalhados pelos países. E se define como alguém que preferencia tanto o balé clássico como o moderno.

Quanto ao Brasil, parece vacinada — “Só vou ao Rio para ver minha família, mas não tenho nenhuma intenção de trabalhar lá, nem de voltar.” Marcia Haydée faz questão de não se molhar — “Para eu falar sobre a música clássica ou o balé no Brasil, eu precisaria viver lá, para saber o que está acontecendo. Seria completamente errado eu dar opinião sobre um lugar onde vou passar alguns dias. Nos últimos dois anos, passei apenas dez dias.”

Sem fazer comparação com o Brasil, Marcia fala da tradição alemã de grande público para o balé. “Cada teatro alemão”, diz ela, “tem sua companhia de balé, de ópera, de teatro de comédia. A Alemanha é um enorme centro de arte, mesmo

agora com a crise econômica. Estão cortando verbas nos teatros pequenos, mas a estrutura artística é mantida.”

E o Chile, onde começou a dirigir o Balé de Santiago? “O Chile é um dos únicos países da América do Sul com uma companhia de 60 bailarinos e espetáculos o ano inteiro. Um companhia que viaja pelo exterior. Tem também uma boa ópera, com uma tradição cultural estável. Minha companhia já foi aos EUA, já veio à Europa e, em 94, vou levá-la à Alemanha, em julho, e talvez à Holanda. Mas não existe nenhum plano para levá-la ao Brasil. O repertório é muito grande, mas não escolhi ainda um programa. No Chile, não estou dançando, portanto minha participação nessa viagem será apenas como diretora e, à vezes, como coreógrafa. Minha preocupação agora é a de desenvolver os coreógrafos chilenos.

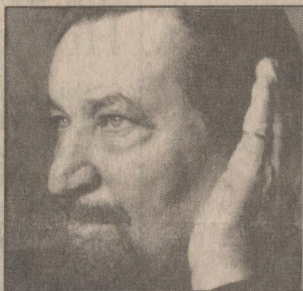
“Só na Alemanha é que danço”, contou. Béjart levou-a a Lausanne para dançar sua coreografia *Amo Roma*, com músicas dos filmes de Fellini, e *As Cadeiras*, baseada numa peça de Eugene Ionesco, com música de Richard Wagner.

Dança-teatro — Foi o próprio Maurice Béjart quem pôs fim aos seus grandes espetáculos, em grandes salas e 60 bailarinos. Aos 67 anos, consagrado mundialmente como coreógrafo, Béjart, cuja companhia conta com o apoio oficial dos suíços de Lausanne, preferiu preparar sua fase final de carreira com uma reconversão para uma espécie de dança-teatro, na qual lhe bastam 25 bailarinos. Depois de ter aberto ampliado os caminhos do balé moderno com seu Balé do Século XX, criado em 1960, em Bruxelas, e de ter viajado pelo mundo inteiro, Béjart escolheu para suas atuais pesquisas uma sala com palco menor e menos lugares.

Sua criação deste ano foi a coreografia da música do grego Manos Hadjidakis, autor das *Baladas da Rua Atenas*. Hadjidakis considera essa rua o coração da capital grega com suas tavernas, bordéis, hotéis de passagem, restaurantes e cafés. Sexo e violência confundem-se entre os passantes dessa via, dando origem a uma densa obra musical e poética na qual os temas são a origem da vida, o amor e a morte.



Marcia Haydée em cena de 'Amo Roma': dançando fora da Alemanha a pedido de Maurice Béjart



O coreógrafo Béjart